

Jornalismo Local como estratégia para evitar “histórias únicas” sobre as periferias de Salvador (BA)¹

Brenda Gomes dos Santos²
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador - BA

RESUMO

Este artigo analisa como o jornalismo local pode combater a “história única” das periferias de Salvador (BA), conceito defendido por Chimamanda Adichie, que critica a representação reducionista e estereotipada dessas comunidades pela mídia hegemônica. O problema de pesquisa envolve entender como as iniciativas de jornalismo local, como o Projeto Mural Salvador, podem contribuir para a construção de narrativas pluralistas sobre esses territórios.

PALAVRAS-CHAVE: Periferias; Jornalismo Local; Mediações.

INTRODUÇÃO

No bairro de Águas Claras, localizado em Salvador, têm surgido iniciativas de bibliotecas comunitárias como resposta à carência de bibliotecas públicas na região. Esses espaços têm atraído leitores por meio de programações culturais e ações sociais. No bairro do Alto das Pombas, um podcast produzido por mulheres locais é transmitido via carro de som, conferindo voz e expressão à comunidade. Já no complexo do Nordeste de Amaralina, um jovem estabeleceu uma marca de roupas para representar o estilo autêntico do local.³

Em meio a esses bairros, geograficamente dispersos por Salvador (BA), convergem problemas recorrentes nas periferias urbanas, acompanhados por uma característica compartilhada: as histórias dessas comunidades frequentemente são

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho NE24 - Teorias e Tecnologias da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Jornalista e estudante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo pesquisadora Centro de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso e Mídia (CEPAD).

³ Referência as reportagens produzidas durante o Projeto Mural Salvador, da Agência Mural de Jornalismo de Periferias, disponível em: <https://agenciamural.org.br/?s=salvador>

negligenciadas pelos meios de comunicação. Geralmente, essas regiões são mencionadas em reportagens sobre segurança pública, ou caracterizadas de maneira simplista como carentes ou necessitadas de resgate, ocultando a riqueza cultural e social desses territórios, como mostram os exemplos, e que podem ser facilmente verificados através de uma busca na internet.

Nesse contexto, surge um desafio: o combate às “histórias únicas”, conceito popularizado pela escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2009), que alerta para os perigos de uma narrativa reducionista sobre um grupo ou comunidade.

Todas essas histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne uma história única. (ADICHIE, 2009, p. 18)

Assim como no continente africano, relatado por Adichie (2009), se pensarmos no contexto da realidade brasileira, ainda é muito comum se deparar com discursos, que reduzem a representação estereotipada de alguns territórios e suas comunidades. Como é o caso da população indígena, que comumente é atrelada a inferioridade cultural, falta de formação acadêmica e desinformação científica. De maneira semelhante a população afrodescendente segue sofrendo com reflexos do período colonial, seguem marginalizados, menosprezados e subalternizados.

A autora nigeriana destaca a relação entre a história única e o poder, indicando que muitos estereótipos surgem da dominação econômica e da política de uma nação sobre outra. Como Adichie afirma: “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer com que ela seja a história definitiva” (Adichie, 2019, p. 23). Nesse sentido, Adichie enfatiza que histórias estereotipadas não apenas criam padrões limitantes, mas também retiram a dignidade e a humanidade de seus protagonistas, dificultando a possibilidade de conexão e empatia com o outro.

Salvador, uma cidade rica em diversidade cultural e social, possui periferias urbanas que são muitas vezes representadas de maneira estereotipada pela mídia

hegemônica. Essas representações, enraizadas em estigmas e preconceitos, frequentemente destacam apenas aspectos negativos, como a violência e a pobreza, relegando as comunidades periféricas a um espaço de marginalização e invisibilidade. Esses estereótipos reforçam as identidades carregadas de racismo e preconceito e também contribuem para a perpetuação de desigualdades e a marginalização das vozes dessas comunidades.

Não há dúvidas que um clima de insegurança permeia as ruas de Salvador. Os dados do Atlas da Violência 2024 destacam que Salvador é a capital mais violenta do Brasil. A pesquisa é feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Em 2022, a capital baiana, de acordo com o estudo, registrou 66,4 assassinatos a cada 100 mil habitantes, superando a média nacional, que é de 24,5. Naquele ano, ocorreram 1.605 mortes violentas na cidade. Além disso, as cinco cidades mais violentas do país ficam na Bahia, que é o estado com maior taxa de homicídios do Brasil. Mas é somente essa a história possível de ser contada sobre essa cidade?

Quando nos deparamos com os jornais impressos de Salvador, por exemplo, as notícias sobre bairros periféricos geralmente estão associadas à editoria de segurança pública, com foco em temas como violência e criminalidade. Essa abordagem limitada colabora diretamente para a criação e manutenção de uma história única, conforme advertido por Adichie, silenciando as diversas e ricas histórias que emergem dessas regiões e invisibilizando suas complexidades e potências culturais.

Quando o jornalismo retrata as periferias de Salvador a partir somente de um olhar, ele desconsidera o papel ativo dessas comunidades na construção de suas próprias narrativas. Incorporar o olhar das mediações nos obriga a questionar como o jornalismo pode se tornar mais inclusivo e sensível às dinâmicas sociais e culturais das periferias. Isso implica uma mudança na forma como os meios de comunicação abordam essas comunidades, indo além da representação simplificada baseada em índices de criminalidade e pobreza.

Este estudo pretende apresentar o jornalismo local, como uma possibilidade de desafiar a construção dessas narrativas únicas. O conceito de jornalismo local diz

respeito à cobertura que retrata a partir das proximidades, seja territorial ou temática, ou de identificação com o público. Ao concentrar-se em contextos geográficos mais específicos, o jornalismo local se torna um veículo essencial para representar as comunidades, capturar suas preocupações, desafios e conquistas cotidianas.

Segundo PERUZZO (2003) o jornalismo local, ou mídia local, possuem um formato baseado nos moldes dos grandes veículos de comunicação e apresenta como diferença apenas a apresentação de um conteúdo mais específico para sua região. Ou seja, aborda temas da localidade e/ou região que muitas vezes não são veiculados na grande mídia. A autora ainda destaca que no âmbito do jornalismo local é essencial considerar que o conceito de “território” vai muito além das dimensões puramente geográficas.

Para lá das dimensões geográficas, surge um novo tipo de território, que pode ser de base cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação etc. Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crenças etc.) são tão importantes quanto as de base física. São elementos propiciadores de elos culturais e laços comunitários que a simples delimitação geográfica pode não ser capaz de conter (PERUZZO, 2005, p. 74).

O jornalismo local é uma ferramenta capaz de criar narrativas e olhares sobre os territórios periféricos que a mídia hegemônica não aprofunda. Exemplo disso é a experiência do Projeto “Mural Salvador”, iniciativa da Agência Mural de Jornalismo de Periferias, originária de São Paulo e atuante há mais de uma década no estado. O projeto foi implantado em Salvador entre novembro de 2020 a novembro de 2021, com o objetivo de replicar a experiência com as periferias de São Paulo.

A Agência Mural surgiu da necessidade de expandir a representação midiática das periferias de São Paulo, cujas histórias e vivências eram frequentemente marginalizadas pela mídia tradicional. Ao criar narrativas sobre esses territórios, a agência oferece um olhar alternativo e mais complexo sobre as periferias, rompendo com estereótipos e promovendo uma visão plural das comunidades.

Durante o projeto em Salvador, a Agência Mural lançou uma seção específica em seu site, dedicada à capital baiana. A equipe inicial, composta por sete

correspondentes locais, moradores de diversos territórios da cidade, foi treinada para cobrir suas realidades com maior profundidade e contexto. Além de publicadas no site da Agência, as reportagens do Mural Salvador também foram veiculadas nos jornais A Tarde e Massa, além do portal A Tarde Online. No total, foram produzidas 55 reportagens durante o projeto, abordando temas como cultura local, iniciativas comunitárias e histórias de resistência.

O projeto desafiou o agendamento da mídia hegemônica, e ganharam ainda mais notoriedade e destaque quando ilustradas pelas fotografias dos personagens e locais. As fotografias desempenham um papel fundamental na representação e na autoimagem de comunidades historicamente marginalizadas. Elas não apenas documentam momentos e eventos, mas também servem como um meio poderoso para contar histórias, reafirmar identidades e oferecer visibilidade a grupos que muitas vezes são esquecidos ou mal representados pela mídia.

No contexto do projeto Mural Salvador, muitos dos personagens nunca tiveram a chance de se ver em um meio de comunicação de ampla divulgação. Como é o exemplo do Grupo de Mulheres de Alto das Pombas (Grumap), que com mais de 40 anos de atuação social em defesa do território nunca havia sido mencionada em publicações jornalísticas. Isso ilustra uma realidade comum em muitas periferias: a luta constante por reconhecimento e espaço nas narrativas midiáticas. Quando uma fotografia é publicada em um jornal, ela não apenas retrata uma realidade, mas também valida a existência e os esforços de quem está sendo mostrado. No caso da Grumap, as imagens e reportagens sobre seu trabalho e impacto são essenciais para que as pessoas do Alto das Pombas vejam a si mesmas representadas de maneira digna e positiva. Essa representação pode ajudar a transformar a percepção externa sobre a comunidade, além de inspirar os próprios moradores a se valorizarem e a se engajarem mais ativamente nas questões que os afetam.

CONCLUSÃO

A análise das reportagens produzidas pelo Mural Salvador, que destaca histórias de resistência, criatividade e a rica cultura das periferias, demonstra como o jornalismo local pode efetivamente romper com as narrativas redutivas. Em uma investigação

comparativa inicial dos conteúdos publicados entre a partir do Projeto Mural Salvador (entre novembro de 2020 e novembro de 2021) nos veículos do Grupo A Tarde é possível perceber que se não fosse o conteúdo da Agência as narrativas sobre os territórios nos períodos de publicação estariam restritas a informações sobre segurança pública e a saúde, a partir da agenda de prevenção da Covid-19. Essas comparações pretendo desenvolver ao longo da construção desta pesquisa. .

Em conclusão, o jornalismo local surge como uma ferramenta para a transformação da representação das periferias soteropolitanas. Ele possibilita a construção de novas narrativas que valorizam as histórias, experiências e lutas das comunidades, combatendo a desumanização provocada pela cobertura midiática hegemônica. Ao priorizar a voz local e as experiências vividas, o jornalismo local oferece uma alternativa às “histórias únicas” e atua como um agente de mudança, promovendo um entendimento mais profundo e autêntico sobre a vida nas periferias.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Os perigos de uma história única**. Oxford: Conference Annual – Technology, Entertainment and Design - Ted Global, 2009.

LEITE, I.C. **Pobreza, representações, identidade e Política Social**. II Jornada Internacional de Políticas Públicas - Mundialização e Estados nacionais: a questão da emancipação e da soberania. São Luis, p. 1-8, 23-26/08/2005 2005.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de. **Comunicação para a cidadania**. Salvador/São Paulo: Intercom/UNEB, 2003.